www.colectivolibertarioevora.wordpress.com * www.facebook.com/ColectivoLibertarioEvora

Nº 7

Maio/Junho

2013

Acção Directa

Boletim do Colectivo Libertário de Évora

Mais de 1 milhão de desempregados;

Aumento do horário na função pública de 35 para 40 horas ;

Redução do poder de compra em mais de 30%;

Centenas de milhar de famílias recebem assistência alimentar;

Governo quer alterar a Lei da Greve reduzindo direitos;

Manifestação do 1º de Maio, Lisboa, 2008

Nesta edição:

À greve, companheiros!

A centrais sindicais do sistema, CGTP e UGT, convocaram para o próximo dia 27 de Junho uma greve geral em protesto contra as medidas que o governo tem vindo a pôr em prática contra os trabalhadores,. Razões para esta greve geral não faltam e só é pena que o reformismo das duas centrais sindicais maioritárias não lhes permita irem mais além e convocarem uma greve geral, de duração indeterminada, que só terminasse quando o governo revogasse as medidas mais gravosas que atingem quem trabalha, nomeadamente o corte de salários, as reestruturações que apenas visam o despedimento de trabalhadores, a redução do horário de trabalho para 30 horas semanais de forma a permitir combater o desemprego e não o aumento para as 40 horas.

Apesar das limitações da greve e de todos sabermos que ela pouco irá mudar na situação em que vivem os trabalhadores portugueses é nas ruas que os anarquistas e os anarco-sindicalistas devem estar, explicando as limitações deste tipo de luta proposto pelas centrais sindicais reformistas e incentivando os trabalhadores a outras formas organizativas e de combate.

Os últimos grandes movimentos de jovens, trabalhadores, desempregados na ruas das principais cidades brasileiras, turcas e gregas indicam o caminho: só através da mobilização generalizada e da criação de estruturas antiautoritárias, assembleárias e de base, horizontais, é possível combater o Estado e o capital . Não através de desfiles do "faz de conta" ou de greves em que, no dia seguinte, se conclua que nada mudou. Sabemos que é assim, mas até chegarmos a esse momento e a esse patamar de organização é preciso aproveitarmos todas as oportunidades para fazer com que a influência das ideias libertárias cresça e se afirme.

Por isso, é tão importante estarmos presentes em todas as lutas que vão acontecendo, marcando presença e influenciando-as no sentido de uma maior radicalidade e de uma mais rigorosa definição de objectivos: para nós, anarquistas e anarco-sindicalistas, é irrelevante que este governo caia ou não. Lutamos para que todos os governo desapareçam e sejam substituídos pela auto-organização dos explorados e oprimidos.

Évora, 2013

Sindicalismo & luta de classes

O que é o anarco-sindicalismo (*)

O anarco-sindicalismo é um meio de organização e um método de luta e de acção directa dos trabalhadores, que tem as suas raízes nos postulados da Primeira Internacional e do sindicalismo revolucionário. Inspira-se em fontes essencialmente federalistas e anarquistas, e, com uma nítida actuação revolucionária e uma clara orientação libertária na sua prática, tende constantemente a conquistar as máximas melhorias, em todos os sentidos, para a classe trabalhadora, com o objectivo da sua emancipação integral e da supressão de qualquer tipo de exploração e de opressão do homem pelo seu semelhante ou por qualquer instituição, e, ao mesmo tempo, luta pela abolição de qualquer tipo de capitalismo e de qualquer forma de Estado. Irredutivelmente oposto aos sistemas sociais e políticos hoje reinantes, luta pela transformação radical das sociedades e regimes que neles assentam e pela instauração de um meio social de convivência humana baseado nos princípios do comunismo libertário.

O anarco-sindicalismo não é nem uma doutrina nem uma filosofia. Extrai o seu conteúdo teórico do socialismo humanista e, sobretudo, do anarquismo, cujos postulados de defesa integral da personalidade humana, da liberdade, da solidariedade, do apoio-mútuo e da associação voluntária e federativa, constituem o seu mais sólido fundamento.

O anarco-sindicalismo, dentro do movimento operário moderno, é uma corrente sindical totalmente independente, com características próprias bem vincadas, tanto pelo seu conteúdo básico como pela sua forma de organização e pelo seu desenvolvimento funcional, livre de quaisquer formas de centralismo e de burocracia. Tem sempre em conta a personalidade do filiado e estimula a sua participação na vida sindical. Respeita a autonomia das secções, dos sindicatos, das federações e das confederações. O anarco-sindicalismo também se singulariza pelos método de acção directa que utiliza, pela sua dinâmica e estratégia de luta e pelo facto de os seus objectivos finais estarem sempre presentes na sua orientação social. Outra das suas características distintivas inconfundíveis é a sua recusa de qualquer colaboração de classe, de qualquer compromisso com o capitalismo ou com o Estado, ainda que fosse em nome do "interesse nacional"; de qualquer participação ou intervenção em qualquer organismo, misto ou oficial, dependente do governo ou do patronato; de arbitragens e legalismos e de intermediários de qualquer tipo, nas contendas sociais quotidianas. O anarco-sindicalismo, considerando-se em luta permanente e sem tréguas contra o sistema que combate e pretende abolir, recusa tudo o que interfira com a sua liberdade de acção, tudo o que possa limitá-la ou restringi-la. Está sempre na vanguarda da luta social e das reivindicações dos trabalhadores. O anarco-sindicalismo mantém vivo o espírito revolucionário entre as massas operárias. Exercita-as e treina-as, através do combate voluntário, consciente e directo, no desenvolvimento das suas próprias iniciativas, ao mesmo tempo que contribui para a sua capacitação e máxima preparação, para que, sobretudo, possam vir a assumir conscientemente, prescindindo de qualquer partido político, as suas responsabilidades na autogestão directa da nova sociedade a construir e a organizar, uma sociedade livre, justa e solidária. Nessa nova sociedade, suprimidas as classes e com a ajuda de todos os progressos científicos e técnicos, procurar-se-á proporcionar, a todos e a cada um, através do trabalho e do esforço, individual e colectivo, o máximo de bem-estar e de segurança, com um imprescritível, intocável e inalienável respeito pela liberdade e pela personalidade de cada ser humano, objectivo primordial coincidente com o anarquismo.

O anarco-sindicalismo não pretende ser um fim em si, nem criar uma nova ideologia social predominantemente sindicalista. Também não pretende assumir total e globalmente a representação e a administração da nova sociedade, nem moldá-la de forma uniforme e imutável. A sua concepção do comunismo anárquico está viva, aberta ao futuro e às várias modalidades susceptíveis de aplicação, sempre aperfeiçoáveis, desde que tenha uma base essencialmente libertária.

Objectivos e fins

O anarco-sindicalismo tem uma noção clara de que o desencadeamento da revolução social para derrubar o capitalismo e o Estado, para conseguira a renovação e a transformação da sociedade, não depende unicamente da sua força, e de que não poderia tão-pouco assumir de forma exclusiva todas as responsabilidades funcionais no desenvolvimento da sociedade futura. Não pretende criar uma nova ordem na qual teria um predomínio monopolizador determinante. Também não apresenta o comunismo anárquico como a panaceia ou fórmula mágica para a solução dos problemas económicos, sociais e políticos, mas sim como um objectivo dos mais viáveis, racionais, lógicos, justos e éticos, de carácter sociológico, para conseguir a convivência livre, harmoniosa e solidária, entre os seres humanos que desejam uma sociedade nova, sem antagonismos intestinos, sem alienação da individualidade e na qual as relações humanas possam desenvolver-se sem constrangimentos autoritários.

O anarco-sindicalismo apresenta a solução comunista libertária, caracterizada por ser livre e aberta, evolutiva e aperfeiçoável, sem planos rígidos nem uniformes, visto que, além de ter consciência das grandes mutações e transformações que ocorrerão no mundo e na humanidade, não pode ignorar que as modalidades de aplicação do comunismo anárquico, se bem que conservem e afirmem uma concordância nas suas grandes linhas essenciais e nos seus aspectos fundamentais, terão as suas variantes, devido às condições reais existentes em cada país (condições ambientais, de mentalidade e psicológicas, dos seus recursos naturais e do seu próprio desenvolvimento económico, industrial, etc) e também devido a outras causas complexas, que influenciam o comportamento dos homens e têm as suas raízes na própria biologia das sociedades.

As próprias formas de organização sindical que o anarco-sindicalismo já hoje adopta, dentro do sistema capitalista – as suas estruturas industriais, agrícolas, económicas e financeiras, e outras de tipos variados e complexos que lhe são peculiares, que não pode deixar de ter presentes para uma maior eficácia do seu combate ofensivo e defensivo –, não são inamovíveis. O anarco-sindicalismo, através das suas próprias experimentações e também de forma improvisada, tem capacidade para modificá-las ou aperfeiçoá-las (respeitando sempre as bases funcionais federalistas e de autonomia – o fim e a essência libertária), dadas as próprias mudanças que podem vir a operar-se quando o sistema capitalista-estatal for substituído pela nova sociedade comunista libertária. As bases desta nova sociedade exigirão as necessárias e indispensáveis mudanças e reajustamentos, nos planos económico, da produção e da distribuição, funcional e dos serviços, da organização do trabalho na complexa gama de coisas vitais e aspectos a considerar que afectam o todo social.

O anarco-sindicalismo considera que este tipo de sindicato e de organização sindical pode e deve ser um dos pilares principais em que terá de apoiar-se e suster-se a sociedade.

Características próprias do anarco-sindicalismo

Uma das melhores qualidades e virtudes do anarco-sindicalismo é o respeito absoluto pela personalidade do afiliado, a quem convida, constantemente, a militar, de forma voluntária, abnegada, desinteressada, na vida do sindicato, das suas secções, das federações, da organização em geral; a assumiras suas próprias responsabilidades; a expor livremente as suas opiniões, a fazer as suas opções e a tomar as suas decisões nas assembleias; a participar directamente na acção e na luta; a aplicar as disposições que derivem dos acordos que a organização, de comum acordo, tenha adoptado. Na organização anarco-sindicalista, as decisões (acordos) são tomadas de baixo para cima; os cargos, regularmente renovados, são revogáveis; a liderança e o burocracismo são rechaçados. A organização sindical anarco-sindicalista conta unicamente com os seus próprios meios económicos, baseados nas quotizações dos seus afiliados, para se desenvolver, para a sua actividade, para a solidariedade, isto é, para atender a todos os seus problemas e preocupações. Desta forma, assegura a sua plena e total independência. Pode afirmar-se que não existe organização sindical tão íntegra como a anarco-sindicalista. Os seus militantes não podem aspirar a espécie alguma de sinecura e, ao longo da sua vida, devem dar provas da sua abnegação e servir de exemplo pela rectidão do seu comportamento pessoal.

O anarco-sindicalismo entende que não há nem pode haver convivência livre nem justiça social dentro da sociedade de classes; que os fundamentos desta perpetuam e consagram a divisão entre os homens; que qualquer reforma que não destrua os alicerces dessa sociedade não modificará a essência da situação em que se encontramos trabalhadores, que continuarão a ser oprimidos e explorados. Por estas e outras razões de princípio, o anarco-sindicalismo é contrário à colaboração de classes, à co-gestão, à aceitação de uma participação interessada nas empresas capitalistas. O anarco-sindicalismo e o sistema capitalista-estatal são totalmente incompatíveis.

O anarco-sindicalismo é anti-parlamentar devido à sua posição de princípio anti-autoritária e por considerar o parlamentarismo absolutamente ineficaz, do ponto de vista da efectiva emancipação da classe trabalhadora. A experiência da acção dos partidos políticos operários, denominados socialistas, marxistas, democratas, etc, que, sob a inspiração do marxismo (principal responsável pela cisão da Primeira Internacional e pela apologia e prática da acção política representativa por parte dos trabalhadores, que já existe desde o meio do século passado), chegaram, em certos períodos e lugares, a obter maiorias absolutas e a formar governos, como pudemos presenciar em vários países, é suficientemente eloquente e demonstradora da esterilidade da luta nesse terreno. Dentro do sistema que hoje impera, qualquer governo, socialista, social-democrata ou com qualquer outra denominação, através do próprio mecanismo das forças de pressão existentes neste sistema – dos seus tentáculos e armadilhas omnipresentes –, vê-se obrigado a servir os interesses do capitalismo e do Estado, em nome do grande "interesse nacional" e em detrimento dos interesses da classe operária.

(*) Extraído do folheto ¿QUÉ ES LA A.I.T?, editado pelo Secretariado da A.I.T. em Abril de 1997 (este folheto foi traduzido para português pela AIT – Secção Portuguesa em Junho de 1999).
http://cob-ait.net/index.php/tudo-sobre-sindicalismo/25-proposta/103-anarcosindicalismo-ait-sp

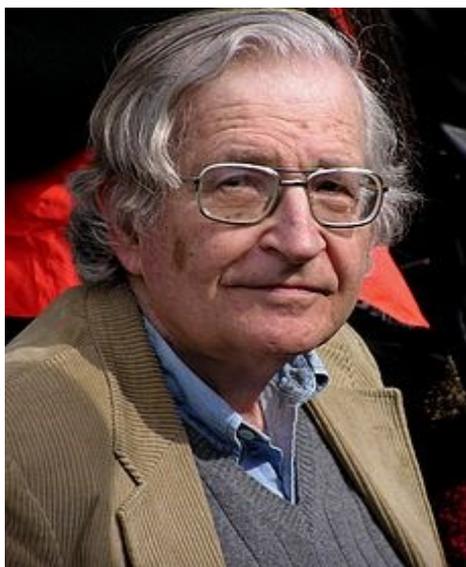
O Estado e o governo numa deriva cada vez mais autoritária

À medida que crescem os cortes (nos salários, nas pensões), aumenta o desemprego e se agravam as condições de vida de centenas de milhar de portugueses, o Estado e o governo de turno acentuam as medidas autoritárias que sempre os caracterizaram, mas que em momentos de crise ganham nova dimensão. O papel central que a polícia hoje desempenha, a arbitrariedade nas condenações, a asfixia do espaço público e democrático, a repressão célere, sobretudo sobre os estratos mais débeis e frágeis da sociedade, fazem cada vez mais parte do nosso dia a dia colectivo.
As agressões a sindicalistas ou a simples manifestantes, a brutalidade policial nos bairros mais pobres e límitrofes, como aconteceu em Setúbal ou mais recentemente na Damaia, são disso exemplo. Nos últimos anos já morreram "15 jovens, negros e pobres" às mãos da polícia, denuncia a plaforma gueto. Um número brutal, que diz bem da violência e da brutalidade da polícia sobre os bairros mais pobres e indefesos.
Também o próprio desabafar em espaço público começa a constituir motivo para condenações. O caso do cidadão que, em Elvas, a 9 de Junho, acompanhado da mulher e dos filhos, longe do cortejo presidencial, desabafou face a Cavaco Silva (que se passeava acompanhado de um enorme séquito de polícias à paisana, outros fardados, muitos militares, e rodeado de dezenas de jornalistas), meia dúzia de palavras como : "vai trabalhar, malandro" e que, de imediato, recebeu ordem de prisão de um dos inúmeros paisanas que por ali circulava, sendo julgado e condenado em tribunal sumário, violando a própria lei, é um exemplo deste crescendo repressivo que está a pôr em causa os fundamentos da própria democracia.
Outro sinal é a declaração expressa de que o Governo se prepara, devido à greve dos professores e ao facto do tribunal arbitral ter decidido que não se justificam serviços mínimos, para alterar a Lei da Greve, tonando-a mais limitativa e violadora dos direitos dos trabalhadores.
Como anarquistas sabemos que o Estado foi criado pelas classes possidentes como arma e instrumento de dominação e que qualquer governo defende apenas os interesses dos poderosos. Estado e governo, forças repressivas e classe política, (dentro ou fora do governo) são sempre uma e a mesma coisa: utilizarão sempre a força e a sua capacidade repressiva contra quem luta, contra quem não se conforma, contra quem não se submete. E, sozinhos, sem estarmos organizados, cada qual no seu pequeno espaço, seremos presa fácil do autoritarismo que, qual hidra de sete cabeças, se espalha e intensifica, pondo mesmo já em causa os mais elementares pilares do sistema democrático, já por si bastante limitado no que aos direitos humanos e às liberdade individuais e colectivas diz respeito.
É, por isso, chegado o tempo de nos organizarmos cada vez mais, seja nos bairros, nas cidades, nas vilas, nos locais de trabalho, nas escolas, na internet, onde quer que seja, e adquirirmos capacidade de resposta, seja na denúncia de todos os atropelos à liberdade e aos fundamentos da democracia, seja na construção de outros tipos de resposta, solidários e abrangentes, que não deixem passar em silêncio tudo o que seja violação dos direitos, liberdades e garantias, colectivos e individuais, que após lutas intensas, o capitalismo foi obrigado a conceder, muitos deles, no caso português, obtidos após a queda do fascismo, no pós 25 de Abril de 1974.
Também hoje é preciso dizer: "Não passarão!"

a.

Noam Chomsky é um libertário norte-americano, reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho como linguista e por ser uma voz muito crítica relativamente ao capitalismo e à estratégia dos Estados Unidos na sua relação com os países do terceiro mundo. Nesta entrevista (de que publicamos alguns excertos) à revista anarquista irlandesa "Red and Black Revolution", em Maio de 1995, já depois da queda do muro de Berlim, Chomsky fala do anarquismo, do marxismo-leninismo e do capitalismo numa linguagem simples e clara. A conclusão a que chega é a de que Bakunine teve razão quando criticou o projecto de "socialismo" autoritário de Marx. E os tempos comprovam-no.

Sobre o anarquismo, o leninismo e o capitalismo….

Noam Chomsky

1."Fui atraído pelo anarquismo logo a partir da adolescência, quando comecei a pensar o mundo para além das coisas pequeninas, e desde então não tive muitas razões para corrigir essa atitude inicial. Penso que, de facto, o que faz sentido é investigar e identificar as estruturas de autoridade, hierarquia e domínio, em todos os aspectos da vida, para depois nos confrontarmos com elas. A menos que tenham uma justificação são ilegítimas e deveriam ser desmanteladas de forma a que a liberdade humana pudesse ser ampliada. Isto inclui o poder político, a propriedade e a administração, as relações entre homens e mulheres, pais e filhos, o nosso controlo sobre o destino das gerações futuras (o imperativo moral básico por trás do movimento para o meio ambiente, segundo penso), e muito mais. Naturalmente isto significa um desafio às poderosas instituições de coerção e controlo: o Estado, as inúmeras tiranias privadas que dominam a maior parte da economia nacional e internacional, etc.. e mais do que isto. Foi tudo isso que sempre entendi ser a essência do anarquismo: a convicção de que o ónus da prova deve ser dado pela própria autoridade, e que ela deve ser desmantelada se não conseguir dar uma resposta positiva. É que, por vezes, essa prova existe. Se eu for dar um passeio com os meus netos e eles se precipitarem para uma rua movimentada, eu usarei não só da minha autoridade mas também da coerção física para os impedir de atravessarem a rua. É um exemplo típico. E existem outros casos; a vida é uma coisa complexa, há muitas coisas que não entendemos sobre o ser humano e a sociedade, e grandes declarações são frequentemente fonte de mais sofrimentos do que de benefícios. Mas penso que a perspectiva é válida e que nos pode levar longe. (…)

2. A crítica à "democracia" entre os anarquistas tem sido frequentemente a crítica à democracia parlamentar, porque ela surgiu em sociedades com características profundamente repressivas. Tomemos os EUA por exemplo, que foram livres desde as suas origens. A democracia americana foi fundada no princípio, sublinhado por James Madison na

Convenção Constitucional de 1787, de que a primeira função do governo é "proteger a minoria da maioria." Deste modo ele argumentava que na Inglaterra, o único modelo quase-democrático da época, se fosse dada palavra à população em geral, nos destinos públicos, ela implementaria uma reforma agrária ou outras atrocidades, e que o sistema americano devia ser cuidadosamente concebido para evitar tais crimes contra "os direitos da propriedade," os quais devem ser defendidos (de facto, devem prevalecer). A democracia parlamentar dentro deste quadro merece uma crítica aguda pelos libertários genuínos, e deixei de fora muitas outras características que dificilmente se podem considerar subtis - a escravatura, para mencionar apenas uma, ou a escravatura do salário que foi amargamente condenada por gente trabalhadora que nunca ouviu falar de anarquismo ou comunismo durante o século XIX, e para além deste.

Marxismo- Leninismo

3.(…) Se por esquerda é suposto incluir o "bolchevismo", então eu dissocio-me terminantemente da esquerda. Lenine foi um dos maiores inimigos do socialismo, na minha opinião, pelas razões que temos discutido. Os avisos de Bakunine sobre a "Burocracia Vermelha" que instituiria "o pior de todos os governos despóticos" foram feitos muito antes de Lenine, e eram dirigidos contra os seguidores de Marx. Existiam, de facto, seguidores de muitos tipos diferentes: Pannekoek, Luxembourg, Mattick e outros estão muito distantes de Lenine, e as suas posições convergem frequentemente com elementos do anarco-sindicalismo. Korsch e outros manifestaram simpatia pela revolução em Espanha..Existe uma relação de continuidade entre Marx e Lenine, mas também existe uma continuidade mesmo até aos marxistas que eram severos críticos de Lenine e do bolchevismo. O trabalho de Teodor Shanin nos últimos anos sobre as atitudes tardias de Marx em relação à revolução camponesa também é relevante. Eu não sou propriamente um estudioso de Marx, e não arriscaria nenhum julgamento sério sobre qual destas continuidades reflecte o "verdadeiro Marx", mesmo que exista uma resposta a essa questão.(…)

4.O Marx inicial aproxima-se consideravelmente do meio em que viveu, e encontram-se muitas semelhanças com o pensamento que animou o liberalismo clássico, aspectos do Iluminismo, e do Romantismo francês e germânico. Uma vez mais, não sou um grande estudioso de Marx para pretender dar um julgamento com opinião autorizada. A minha impressão, sem qualquer garantia, é que o Marx inicial era uma figura do Iluminismo tardio, e o Marx posterior era um activista altamente autoritário, e um analista crítico do capitalismo, que tinha pouco a dizer sobre alternativas socialistas. Mas isto são impressões. (…)

5.A minha reacção ao fim da tirania soviética foi semelhante à minha reacção à derrota de Hitler e Mussolini. Em qualquer dos casos foi uma vitória do espírito humano. Devia ter sido particularmente festejada pelos socialistas, uma vez que um grande inimigo do socialismo tinha por fim caído. Tal como você, fiquei admirado ao ver como as pessoas -- incluindo gente que se tinha considerado anti-estalinista e anti-leninista -- estavam desmoralizadas pelo colapso da tirania. O que revela que elas estavam mais profundamente comprometidas com o leninismo do que acreditavam.

6.Existem, contudo, outras razões a considerar acerca da eliminação deste sistema brutal e tirânico que tinha tanto de "socialista" como de "democrático" (lembre-se que ele se reclamava de ambos, e a última pretensão era ridicularizada no Ocidente, enquanto a primeira era ansiosamente aceite, como uma arma contra o socialismo -- um dos muitos exemplos do serviço prestado pelos intelectuais do ocidente ao poder). Uma das razões tem a ver com a natureza da Guerra Fria. Do meu ponto de vista, isto deveu-se, sobretudo ao caso especial do "conflito Norte-Sul," para usar um eufemismo que descreve a conquista europeia da maior parte do mundo. A Europa Oriental tinha sido o "terceiro mundo" original e a Guerra Fria desde 1917 não tinha a mais ligeira semelhança com a resposta às tentativas de prosseguir um caminho independente desencadeado por outros países do terceiro mundo, embora, neste caso, as diferenças de escala tenham dado ao conflito leste-oeste uma vida própria. Por esta razão, era razoável esperar que a região voltasse ao seu estatuto anterior: para algumas zonas do Ocidente, como a República Checa ou a Polónia Ocidental, existia a expectativa que se voltasse ao espaço europeu,, enquanto outras reverteriam ao tradicional papel de prestadora de serviços, com a ex-Nomenklatura a tornar-se na habitual elite terceiro-mundista (com a aprovação do poder corporativo-estatal do Ocidente, que normalmente os prefere às alternativas). Isto não era uma perspectiva agradável e levou a muito sofrimento.
Outro motivo de preocupação tem a ver com a intimidação e o não-alinhamento. Apesar de grotesco, o império soviético pela sua existência oferecia um certo espaço para o não-alinhamento e, por razões absolutamente cínicas, por vezes oferecia assistência às vítimas dos ataques ocidentais. Essas opções acabaram, e o Sul sofre agora as consequências.
Uma terceira razão tem a ver com aquilo a que a imprensa económica denomina de "trabalhadores ocidentais mal-habituados" com o seu "estilo de vida luxuoso." Com a maior parte da Europa Oriental a voltar ao rebanho, o patronato e os gestores têm armas novas e poderosas contra as classes trabalhadoras e os pobres dos seus próprios países. A GM e a VW podem não só transferir a sua produção para o México ou para o Brasil (ou pelo menos ameaçar fazê-lo, o que geralmente vai dar no mesmo), mas também para a Polónia e Hungria, onde podem encontrar trabalhadores experientes e qualificados por uma fracção do custo. E, compreensivelmente, estão a regozijar-se com isso, dados os valores vigentes.
Podemos aprender muito sobre o que significou a Guerra Fria (ou qualquer outro conflito) ao procurar quem lucrou ou quem ficou prejudicado depois dela acabar. Por esse critério, nos vencedores da Guerra Fria incluem-se as elites ocidentais e a ex-Nomenklatura, agora mais ricos do que alguma vez sonharam, e nos derrotados inclui-se uma parte substancial da população do Leste, lado a lado com os trabalhadores e os pobres do Ocidente, bem como sectores populares do Sul que procuraram seguir um caminho independente.

Capitalismo

RBR: Em muitos aspectos a esquerda de hoje encontra-se de regresso ao seu ponto de partida no final do século XIX. Tal como então, enfrenta agora uma forma de capitalismo que está em ascensão. Parece mesmo existir um maior "consenso" hoje, mais do que em qualquer outra altura da História, que o capitalismo é a única forma válida e possível de organização económica, apesar das desigualdades estarem a aumentar. Sobre este cenário, pode-se argumentar que a esquerda não está segura sobre como avançar para o futuro. Como é que vê este período actual? Será uma questão de "regressar aos princípios"? O esforço deverá concentrar-se hoje em fazer vir ao de cima a tradição libertária do socialismo para sublinhar as ideias democráticas?

Chomsky: A maior parte disto é propaganda, na minha opinião. O que é designado de "capitalismo" é basicamente um sistema de mercantilismo corporativo, com enormes tiranias privadas sem rosto, que exercem um vasto controlo sobre a economia, os sistemas políticos, a vida cultural e social, operando em estreita colaboração com os estados poderosos, que interferem maciçamente na economia nacional e na sociedade internacional. Isto é verdade também nos EUA, apesar da ilusão de parecer o contrário. Os ricos e os privilegiados não estão dispostos a enfrentar a disciplina do mercado mais do que estavam no passado, embora a considerem boa para a população em geral. Só para citar alguns exemplos ilustrativos, a administração Reagan, que alardeava a retórica do mercado livre, também se vangloriava na comunidade empresarial de ser a mais proteccionista da História norte-americana do pós-guerra -- de facto, mais ainda do que todas as outras juntas. Newt Gingrich, que lidera a cruzada actual, representa um distrito super-rico que recebe mais subsídios federais do que qualquer outra região suburbana do país, fora do próprio sistema federal. Os "conservadores" que, defendem o fim das cantinas escolares para as crianças carenciadas, pedem também o aumento do orçamento do Pentágono, que foi estabelecido nos finais dos 1940s na sua forma actual porque -- como a imprensa económica nos informa gentilmente -- a indústria de alta tecnologia não consegue sobreviver numa "economia de livre iniciativa pura, competitiva e não subsidiada" e o governo deve ser o seu "salvador." Sem o "salvador," os eleitores de Gingrich seriam pobre gente trabalhadora (se tivessem sorte). Não existiriam computadores, electrónicas, indústria aeronáutica, metalurgia, automatização, etc., etc., pela lista abaixo. Entre todas as pessoas, pelo menos os anarquistas não se deviam deixar levar por estas fraudes tradicionais.
Mais do que nunca, as ideias socialistas libertárias são relevantes, e a população está muito aberta a elas. Apesar de uma enorme quantidade de propaganda corporativa, fora dos círculos mais instruídos, as pessoas ainda mantêm muitas das suas atitudes tradicionais. Nos EUA, por exemplo, mais de 80% da população vê o sistema económico como "inerentemente injusto" e o sistema político como uma fraude, que apenas serve os "interesses especiais," e não "o povo." Maiorias esmagadoras consideram que as pessoas têm muito pouca voz nos assuntos públicos (e o mesmo se passa em Inglaterra), que o governo tem a responsabilidade de assistir às pessoas em dificuldades, que a despesa em educação e saúde deveria ter prioridade sobre os cortes nos orçamentos ou nos impostos, que as actuais propostas Republicanas no Congresso benificiam os ricos e prejudicam a população em geral, e assim sucessivamente. Os intelectuais podem contar uma história diferente, mas não é muito difícil descobrir os factos.

RBR: Até certo ponto as ideias anarquistas foram demonstradas pelo colapso da União Soviética -- as previsões de Bakunine provaram estar correctas. Acha que os anarquistas devem tomar a peito estes desenvolvimentos gerais e a perceptibilidade da análise de Bakunine? Devem os anarquistas olhar para o futuro próximo com maior confiança nas suas ideias e na sua história?

Chomsky: Eu penso -- pelo menos espero -- que a resposta esteja implícita no que foi dito acima. Penso que a era actual tem presságios execráveis e , ao mesmo tempo, sinais de grande esperança. O que se seguirá depende do que fizermos com as oportunidades que se nos deparam.

Anarquismo & Organização

A presença do livro anarquista na Feira do Livro de Évora, promovida pelo Colectivo Libertário de Évora e colaboração com a Livraria "Ler Com Prazer" serviu para promover os livros e a imprensa libertária. Os nossos agradecimentos também ao Centro de Cultura Libertária de Cacilhas que nos disponibilizou grande parte do material.

CLE

Polícia: bater, reprimir e matar não é trabalho!

É impossível olharmos para os acontecimentos da última semana no Brasil e na Turquia sem referir o papel da polícia nesses eventos.

Numa sociedade democrática como aquela que querem fazer pensar que vivemos a polícia tem como missão "assegurar a liberdade democrática, garantir a segurança interna e o livre exercício dos direitos fundamentais dos cidadãos, bem como o normal funcionamento das instituições democráticas", ora do meu ponto de vista apenas um dos quatro pontos referidos tem sido cumprido. A polícia proíbe a liberdade democrática, causa insegurança aos cidadãos, reprime o livre exercício dos direitos civis, e apenas garante o normal funcionamento das instituições democráticas, mas com um pequeno senão, essas instituições não são democráticas como se tem constatado.

É impossível a uma pessoa normal ver a atuação da polícia nos eventos da semana passada e não sentir o mínimo de repulsa ou aversão, para não falar de odio ao papel da polícia. Ora podem dizer que estão apenas a cumprir o seu dever, e que tem filhos para alimentar entre outras desculpas, mas vendo as coisas por esse prisma o ladrão ao roubar também faz o seu trabalho tal como o traficante de droga tem filhos para alimentar.

Bater, reprimir, e matar não é trabalho.

FL (recebido por email)

Fascismo nunca mais!

No passado dia 5 deste mês foi assassinado por fascistas, em Paris, um jovem militante anarquista , Clèment Méric, que integrava um colectivo antifascista pariesnse e militava no sindicato estudantil Solidaires Etudiants. A sua morte foi pretexto para várias manifestações e concentrações por toda a França e também no estrangeiro. Na altuar, o Colectivo Libertário de Évora traduziu o comunicado emitido pela Federação Anarquista Francesa.

"Clément, 18 anos, morreu, assassinado por fascistas, a 5 de Junho, perto de Saint-Lazare. Uma só frase é suficiente para exprimir toda a gravidade da situação.

O fascismo e os fascistas não pertencem ao passado, a ameaça está sempre presente, foi isso que ficou provado. Face a a eles, devemos organizarmo-nos, lutar, criar um bloco. Mostrar-lhes que nós estaremos sempre aqui para lhes barrarmos o caminho. Que as suas ideias não valem o que valem as nossas e que por isso não há lugar para nenhum debate.

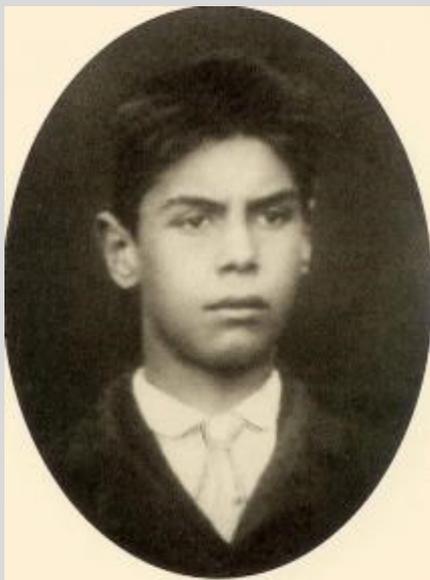
É preciso também denunciarmos vivamente as recuperações malsãs e politiqueiras já posta em marcha por organizações social-democratas ausentes do terreno da luta antifascista. Estamos a pensar em particular na Unef (União dos estudantes franceses) e no Parti de Gauche (Partido de Esquerda) que não esperaram para organizar, cada um por si, uma concentração de homenagem ao nosso camarada. Como não agem, esta gente apropria-se dos mortos porque são menos perigosos. Já se ouvem os apelos à Justiça, ao Estado e ao governo para que proibam as organizações fascistas mas há quanto tempo é que as organizações e os grupos revolucionários fazem soar as campainhas de alarme para esta situação?

Clément era militante da Action Antifasciste Paris-Banlieue et do sindicato estudantil Solidaires Etudiant-e-s Sciences Po. Era antifascista e revolucionário.

A Federação Anarquista envia modestamente as suas condolências à família e aos próximos de Clément e afirma que se aliará a todas as forças revolucionárias, progressistas e honestas para prestar homenagem a Clément e continuar a defesa do seu envolvimento militante, que não morreu com ele.

Federação Anarquista Francesa "

Memória Libertária

Aquilino Ribeiro (1885-1963)

Aquilino Ribeiro, com 17 anos, quando frequentava o Seminário de Beja

Este ano assinalam-se os 50 anos da morte de Aquilino Ribeiro, um dos grandes escritores portugueses. Para além de uma escrita notável, empenhado nos aspectos sociais e sensível ao sofrimento dos mais pobres e dos explorados, Aquilino Ribeiro teve uma militância anarquista conhecida na sua juventude, permanecendo sempre muito ligado aos princípios libertários.

Segundo os seus biógrafos, e nunca escondido por ele próprio (nomeadamente nos seus livros mais autobiográficos como "Um Escritor Confessa-se"), foi um homem de acção, esteve preso e foi perseguido, enquanto anarquista, e segundo alguns historiadores, poderá ter estado mesmo ligado ao regicídio de D. Carlos. Os métodos de acção directa não lhe eram estranhos.

A partir de 1902 frequentou o Seminário de Beja, de onde foi expulso em 1904, "depois de ter dado uma réplica cortante a uma acusação do Padre Manuel Ançã, um dos dois irmãos que ao tempo dirigiam a instituição" (1)

Três anos depois, em 1907, com 22 anos de idade, "o rebentamento de caixotes de explosivos guardados na sua casa leva à morte de dois correligionários e a que seja encarcerado na esquadra do Caminho Novo, de onde se evade em situações rocambolescas, como se pode ler no volume de memórias antes mencionado".(1)

Evade-se da prisão a 12 de Janeiro de 1908 e durante a clandestinidade em Lisboa mantém os contactos com os regicidas, refugiado, na Rua Nova do Almada, em frente da Boa Hora.

Homem de acção, depois de estar algum tempo na clandestinidade, foge para Paris, de onde regressa em 1914. Participa na revolta de 7 de Fevereiro de 1927, em Lisboa. Exila-se em Paris. No fim do ano regressa a Portugal, clandestinamente, participando na revolta de Pinhel. Encarcerado no presídio de Fontelo (Viseu), evade-se e volta a Paris. Em Lisboa é julgado à revelia em Tribunal Militar, e condenado.

Regressa posteriormente a Portugal, onde morre a 27 de Maio de 1963, quando se comemoravam os 50 anos da sua actividade literária . Na ocasião estavam-lhe a ser feitas homenagens em várias cidades do país. Nessa mesma hora, a Censura comunicava aos jornais não ser mais permitido falar das homenagens que lhe estavam a ser prestadas.

Em 2007, por entre muitos protestos dos sectores mais reaccionários da sociedade portuguesa, a Assembleia da República decidiu homenagear a sua memória e conceder aos seus restos mortais as honras de Panteão Nacional (2). Na frieza da Igreja de Santa Engrácia, se os mortos falassem, Aquilino Ribeiro talvez só pudesse ter uma conversa decente com o velho Guerra Junqueiro, cujos ossos também ali repousam.

Nos seus livros a luta pela liberdade é sempre uma constante e uma das suas obras primas "Quando os Lobos Uivam", que esteve proibido durante o fascismo, é um verdadeiro hino à insubmissão e, por todo ele, perpassa um halo libertário de apelo à revolta e à transformação social.

Aquilino Ribeiro foi um vulto grande do pensamento social, anarquista militante em várias fases da sua vida, para além de um enorme escritor e intelectual, como o foram aliás grandes vultos da sociedade portuguesa do século passado, muito influenciados pelas ideias libertárias até ao fim das suas vidas: os escritores e jornalistas Ferreira de Castro (1898 – 1974) e Jaime Brasil (1896 – 1966); o filósofo Leonardo Coimbra (1883-1936) ou o cientista Aurélio Quintanilha (1892 – 1987), entre muitos outros.

AOS

MANIPULADORES DE PÃO

Viva a gréve geral!

CAMARADAS:

Depois de esgotados todos os meios ao nosso alcance, para resolver de modo satisfatorio a questão que ha dias se vem travando entre o Capital e o Trabalho, não nos resta já outro recurso senão apelar para vossa solidariedade. Bastantes *démarches*, se tem efetuado nesse sentido, mas tudo trabalho baldado.

A burguesia lançou-nos o repto, é preciso responder-lhe com a coragem e energia para que amanhã não sejamos escarnecidos.

A vossa Associação ao chamar-vos á luta tem a convicção de que sabereis cumprir o vosso dever. Só nos resta dizer aos senhores da burguesia; Não queremos ser mais escravos!

CAMARADAS!

Coragem e sangue frio! Está proclamada a gréve geral!

Abandonai desde já o trabalho e o retomareis só quando o Comité oficialmente vos indicar.

Viva a gréve geral!
Viva a união dos trabalhadores!
Viva os manipuladores de pão!
Viva a solidariedade operaria!

O 1.º Comité.

Greve Geral - Junho de 1919

A Greve dos Grãos de Trigo

A greve dos grãos de trigo…
Grão rubro numa espiga
Pó branco no moinho
Um centenar forma uma liga
A greve dos grãos de trigo

Somos destinos de impérios
Como se fôssemos ouro
Somos riqueza e a miséria
De quem trabalha como um mouro

Por nós o sangue corre
Há carestia e guerra
O que pedimos é só
Que nos semeiem na terra

A greve dos grãos de trigo…
Grão rubro numa espiga
Pó branco no moinho
Um centenar forma uma liga
A greve dos grãos de trigo

Quantos séculos de pão
De mãos e de pés atados
Cada grão vale um milhão
E querem patentear-nos

Rebelde, festim de insecto
Que o sol nos venha queimar
Um colectivo insurrecto
Não teme semear

A greve dos grãos de trigo…
Grão rubro numa espiga
Pó branco no moinho
Um centenar forma uma liga
A greve dos grãos de trigo

Canção interpretada pelo Coro da Achada, letra de Diana Dionísio, a partir de um texto de Henrique Fèvre com o mesmo título, publicado na revista anarquista "A Sementeira" (1908).

A Fechar

Turquia: do lado solidário da barricada

Enquanto a mídia corporativa nos mente chamando de terroristas ao povo da turquia e se fazem circular nas redes sociais várias imagens dos confrontos entre a policia e a população, existe todo um cenário que se vai passando por trás das barricadas que demonstra o extraordinário mundo do "povo unido" sem partidos nem sindicatos. Não querendo no entanto minimizar a importância da autodefesa no que toca ao assunto de lidar com a autoridade e vingar cada bala e cada bastonada dada. O que se pode observar é um povo unido, com um objectivo comum, e que para o alcançar partilham de todos os actos de solidariedade possíveis no que toca a acudir as necessidades imediatas para que não caiam as barricadas.

Segundo fotos, vídeos e relatos de várias mídias independentes e indivíduos, as barricadas são levantadas em uníssono pela

força de tod@s, plantam-se árvores no parque, faz-se limpeza do parque e das ruas em conjunto, são criados bancos de alimentos e de primeiros socorros nas ruas, e dentro de casa também vários moradores abrem as janelas e disponibilizam leite, citrinos e primeiros socorros. Um gigantesco acto de solidariedade espontâneo, sem "organizações oficiais". As pessoas na rua festejam, batem em tachos, buzinam quando se deslocam de carro, e à noite ainda ao som das buzinas e dos tachos, piscam as luzes de muitas casas. O ambiente é de festa.

Do outro lado da barricada o sangue escorre no meio do som de tiros, sirenes e gritos. As redes de comunicações trabalham arduamente para bloquear acessos principalmente ao facebook, twitter e youtube. Os presentes no local falam em vários mortos apesar do desmentido da mídia corporativa. A polícia dispara para a cara dos manifestantes conforme se pode confirmar em várias fotos espalhadas pelas redes sociais. E fala-se em mais de 2000 detidos. Apesar de todo este cenário violento do lado "democrático" das barricadas, este é o 8º dia e o povo da turquia mostra-se determinado em derrubar o governo. Que a sua luta seja bem sucedida, que alcancem a liberdade!

BB

Brasil: viva o protesto popular

(…) Vivemos no Rio um contexto dificil, vivemos e lutamos numa cidade controlada pelas forças mais vorazes do capital nacional e internacional, da especulação imobiliária, máfia dos transportes e uma política pública que reprime e volta as costas aos pobres. Apesar disso, diversos segmentos da esquerda (organizações políticas, coletivos, sindicatos, CA's, etc.), dos movimentos sociais e estudantis saíram às ruas corajosamente para enfrentar o criminoso reajuste da passagem.

Inspirados por tentativas bem sucedidas de mobilização popular em outras cidades, os manifestantes protagonizaram fortes iniciativas de resistência contra os desmandos da máfia do transportes. Esse foi o exemplo do último ato contra o reajuste, reprimido com excesso de violência pelo choque. Consideramos que a unidade na luta e a organização pela base sejam os principais caminhos para derrotarmos a máfia dos transportes, construído com a unidade de diversos setores da esquerda numa bandeira em comum: a derrota da máfia dos transportes e a luta contra o reajuste pela força das ruas!

O TRABALHO DE BASE

Junto com isso surge a necessidade de organizar-nos cada vez mais, sabendo que mesmo se perdermos a batalha, teremos uma longa guerra pela frente. Sabemos que os políticos trabalham para o beneficio dos empresários, e enquanto for assim todo ano haverá aumento das passagens. Por isso devemos pautar e construir essa luta permanentemente nos espaços de moradia, estudo e trabalho! Esse trabalho é o que acumula força social e vai criando, com dificuldades, desafios e avanços, o que chamamos de poder popular! Se a luta da classe trabalhadora passa por um momento difícil e recua um pouco, a importância do trabalho de base é ainda maior. Ir para as ruas é sempre resultado de uma mobilização prévia, de uma luta que começa no bairro, na favela, no colégio, na ocupação, em espaços de organização de base. A ação direta é resultado da mobilização cotidiana nas bases!

INDEPENDÊNCIA DO CAMPO POPULAR: SEM SECTARISMO, DIVISIONISMO E APARELHAMENTO

Outra questão importante é garantir que a unidade seja feita com a independência do campo popular. Como socialistas libertários e classistas sabemos que a luta não será protagonizada por nós, ainda que atuemos nela enquanto fermento. Isto quer dizer que a luta é do povo que se organiza e vai para as ruas levando sua indignação. A luta não pode ser capturada por um partido, domesticada por uma legenda, por que a luta é uma tarefa da classe. A luta também não é "apolítica" e desorganizada. Porque nela nos formamos, aprendemos com os erros, crescemos e acumulamos força para o dia seguinte. Defendemos uma unidade construída sem sectarismos e com respeito às diferentes forças da esquerda. Fazer uma luta apartidária é diferente de fazer luta anti-partido. Isso significa respeitar as diferentes legendas que atuam no interior da mobilização popular, unindo as diferentes forças políticas por pautas em comum.

Também não temos a pretensão de como organização política anarquista e classista "representar" a totalidade do que se convencionou chamar de movimento anarquista, assim como não exigimos a determinados partidos marxistas que respondam pela totalidade dos marxistas. Somos parte de uma organização política anarquista classista que trabalha com princípios em comum, critérios de ingresso, estratégia militante e unidade teórica/ideológica. Neste sentido, rejeitamos a associação preconceituosa dos que vinculam mal-refletidamente o anarquismo a desorganização. Respeitamos, ainda que com diferenças, as distintas formas de associação, sejam elas partidárias, independentes ou de outras bandeiras políticas que venham se somar a luta. Mas rejeitamos quaisquer tentativas de dividir o movimento internamente. O sectarismo venha de onde vier é danoso e divide a classe.

O esforço de diversas organizações políticas, coletivos, militantes e ativistas é o que garante a força do protesto social. A ação popular organizada sem servir de escada para políticos de ocasião e carreiristas deve marcar a força do nosso coração revolucionário.

Federação Anarquista do Rio de Janeiro